

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XL – 2001

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

MARIA TERESA CAETANO
Mestre em História da Arte

MOSAICOS ROMANOS DE LISBOA. I - A “BAIXA POMBALINA”
“Conimbriga” XL (2001) p. 65-82

RESUMO: *À memória do Senhor Professor Bairrão Oleiro, cujo humanismo recordo com gratidão.*

Foi, apenas, no último quarto de século que em Lisboa se puseram a descoberto os primeiros pavimentos musivos *in situ*, bem como se descobriram abundantes fragmentos de mosaicos. A autora pretende, assim, com o presente estudo dar notícia e analisar exaustivamente os mosaicos romanos de Lisboa. Este primeiro artigo, dedicado à “Baixa Pombalina” (mosaicos da Rua dos Correeiros e do Banco Comercial Português, cujas cronologias se circunscrevem ao século II e à segunda metade do III d.C.), será secundado por um outro, acerca dos restantes vestígios musivos da capital.

ABSTRACT! *In memory of Prof. Bairrão Oleiro whose humanistics ideals I will remember, with gratefulness, forever.*

The first pavements decorated with mosaics (and various others fragments) had been excavated *in situ*, during the last quarter of the last century, in Lisbon.

The author introduces the reader, in this paper, to the study (first part) of her investigation on the Roman mosaics brought to light in Lisbon Down-Town (mosaics from the excavations at Rua dos Correeiros and Banco Comercial Português, with an attributed chronology to the 2nd century A. D. up to the middle of the third).

A second paper will follow, in the future, with the results of the investigation on other mosaics from the Roman city of Lisbon.

(Página deixada propositadamente em branco)

MOSAICOS ROMANOS DE LISBOA

I - A “BAIXA POMBALINA”

No extremo ocidente da Península Ibérica, Lisboa tem desfrutado, ao longo de muitos e muitos séculos, da sua localização privilegiada sobre um vasto regolfo na riba direita do Tejo, ainda no “Mar da Palha” mas já próximo da foz. Ali, as caudalosas e frias águas do rio, momentos antes de mergulharem no imenso Oceano, penetram a terra através de esteios que a sulcam, morrendo de encontro às finas e doiradas areias das extensas praias que lhe definem as margens. Mas, cidade de muitas cidades, Lisboa — mercê da história e do tempo — tem conhecido numerosos prospectos e as vicissitudes por que passou moldaram-lhe o carácter. De facto, Lisboa, que cresceu sobre um *oppidum* de fundação ou renovação túrdula cujo topónimo se inscreve num universo orientalizante¹, tem sido ávara em legar-nos testemunhos doutras

i SILVA, 1944, pp. 40-41; MAIA, 1982-83, p. 97; ALARCÃO, 1983, p. 68; id., 1988, p. 124; MANTAS, p. 160. Assim, tanto a excelência do sítio, como o facto de as marés se sentirem vários quilómetros rio Tejo acima, contribuíram para que este grande curso de água se transformasse numa significativa via de penetração na Península. Talvez por isso mesmo, numa altura em que se intensificaram as rotas comerciais entre o Mediterrâneo e o Atlântico, tenha contribuído para que Lisboa, ou melhor, o *oppidum* implantado no morro onde mais tarde se viria a construir o Castelo de São Jorge e a encosta da Sé, actuasse — pelo menos desde o 1.º milénio a. C. — como um importante entreposto comercial, aliás, de passagem obrigatória entre estas distintas realidades culturais e, ainda, com as vastas terras do interior, dotadas de abundantes recursos metalíferos. Refira-se, por outro lado, que o nome *Olisipo*, cujo significado será, ainda que se desconheça o real valor do radical “Olis-”, «cidade fortificada», «colina fortificada» (RIBEIRO, 1989-1990), insere-se naquele grupo de topónimos terminados em “-ipo”, o qual, segundo vários especialistas, será próprio do universo orientalizante (tartéssico ou turdetano), com numerosos casos observados sobretudo no sul da Península Ibérica (MAIA, 1982-83, p. 99; RIBEIRO, 1989-1990; FABIÃO, 1993, pp. 145-146), facto que corrobora sobremaneira a sua estreita ligação ao “mundo mediterrânico” (cf. RIBEIRO,

eras, nomeadamente da época romana, quando conheceu o estatuto municipal e adoptou o nome de *Felicitas Iulia Olisipo*². Na verdade,

1989-1990; FABIÃO, 1993, p. 145). Nesse sentido, *Olisipo* impôs-se entre o norte e o sul e assumiu-se como uma cidade de charneira, entre distintas realidades. Agindo, pois, como um significativo polo receptor e emissor, tanto de uma cultura atlântica — por exemplo, o torques da Penha Verde, e os machados de bronze com aletas, característicos do NW peninsular, todos eles provenientes da Serra de Sintra (RIBEIRO, 1989-1990; e ARRUDA, 1994, p. 52), como de uma cultura mediterrânica, concretamente fenícia, atestada em várias estações arqueológicas, como na Quinta do Almaraz (Almada), Pedrada e Cacilhas, Lisboa, Moinho da Atalaia (Amadora), Outorela (Oeiras) e, já mais para dentro, em Santarém e na bacia do Mondego (ARRUDA, 1994, p. 54-55). Contactos que se prolongaram pelos séculos subsequentes, com vestígios gregos e, depois, púnicos (e/ou de influência cartaginesa), estes últimos bastamente testemunhados em toda a região da chamada “Península de Lisboa”: Amadora (RIBEIRO, 1989-1990), São Marcos, Agualva-Cacém (PIMENTA, 1982-1983, pp. 120-122), Santa Eufémia, na Serra de Sintra (MARQUES, 1982-1983, pp. 59-88; FABIÃO, 1993, p. 144; RIBEIRO, 1989-1990) e, claro, no próprio aro da capital (AMARO, 1995, pp. 10-12).

² A primeira referência explícita sobre a *Olisipo* “romana” consiste num pequeno trecho de Estrabão que se reporta ao amuralhamento da cidade em 138 a. C., por *Decimus Iunius Brutus* (MANTAS, p. 160). Mais tarde, a cidade de *Olisipo* — depois de ter já obtido, em época ainda não determinada, a condição de *oppidum civium romanorum* (ALARCÃO, 1994, p. 58; e MANTAS, 1994, p. 71) — foi promovida a município e adoptou a designação de *Felicitas Iulia Olisipo*, pois, em cerca de meados do século I a. C., *Olisipo* seria já uma cidade relativamente importante que, durante as guerras civis, terá aderido ao partido de César (MANTAS, p. 161). A data da atribuição do estatuto municipal, no entanto, não se encontra completamente esclarecida, oscilando, segundo certos posicionamentos tradicionais, entre uma doação cesariana, ou, de acordo com opiniões mais recentes e críticas, que se trata, afinal, de uma promoção de Augusto [de entre os autores que atribuem a elevação de *Olisipo* a município por César, veja-se, v.g., VASCONCELOS, 1913, pp. 144-145; LAMBRINO, 1953, pp. 32 e 44; RIBEIRO, 1982-1983, p. 161; e, até certo ponto — uma vez que balança entre César e Octávio —, ALARCÃO, 1983, p. 68; id., 1988, p. 48; id., 1994, p. 58. E, acreditando numa promoção augustana, cite-se, v.g., FABIÃO, 1993, p. 235; MANTAS, 1994, p. 74; e, de novo, RIBEIRO (1994, p. 77) que se inclina, agora, para a hipótese já sugerida por FABIÃO (*loc. et op. cit.*)], alicerçando-se também esta última sugestão no facto de, em termos peninsulares, a inscrição na tribo *Galeria* ter funcionado como uma característica dos municípios augustanos (MANTAS, 1994, nota 11). Refira-se, ainda no âmbito desta problemática, que o epíteto de *Iulia* não deverá ser encarado com estranheza, uma vez que «somente em 27 a. C., quando assumiu o título imperial, Octaviano adoptou o nome de Augusto, por isso todas as suas concretizações anteriores a esta data poderiam perpetuar no epíteto “Júlia” o seu próprio nome. Todavia, a política administrativa do fundador da dinastia dos Júlios-Cláudios parece documentar uma maior longevidade na utilização daquele epíteto, mesmo para além do ano de 27 a. C. Deste modo, torna-se

são poucos os vestígios da urbe romana, destacando-se, como mais monumentais e melhor preservados, o teatro e o criptopórtico da Rua da Prata.

Outros, menos vistosos no entanto, têm permitido definir os contornos da cidade romana e, conseqüentemente, clarificar — sob os mais variados aspectos — o *modus vivendi* das populações desta importante cidade na *finis terra* do Mundo Antigo. Poder-se-á considerar, nesta perspectiva, o mosaico, pois, como se sabe, a arquitectura romana encontrou no tesselado a “solução perfeita” para o revestimento e impermeabilização de paredes, coberturas e, sobretudo, de pavimentos. Mas, por variadíssimas razões, o mosaico, apesar de não ter perdido o seu cariz utilitário — e deste modo se justificará, em certa medida, o facto de ter sido encarado como uma *arte menor*, fruto do trabalho de “operários” —, foi-se assumindo como um verdadeiro complemento da arquitectura, quer ajustando-se à função dos espaços em que era aplicado, quer animando (muitas das vezes em estreita relação com a pintura mural) esses mesmos espaços, quer, ainda, agindo como catalizador social do proprietário de uma *domus* ou, no caso dos edifícios públicos, do evergetismo imperial, religioso, particular ou corporativo.

Assim sendo, os elementos que nos foram legados pelos artífices da Antiguidade assumem particular importância no contexto já enunciado, na medida em que fornecem dados importantes para a visualização e integração funcional das estruturas arquitectónicas descobertas. E, por outro lado, os esquemas decorativos dos mosaicos, bem como os materiais empregues na sua feitura, propiciam a realização de diferentes análises descritivas e interpretativas, as quais, partindo normalmente de critérios histórico-artísticos, acabam por “explorar” aspectos entre si muito diversificados — mas complementares — que nos per-

extremamente difícil distinguir as medidas administrativas de Júlio César daquelas que teria idealizado, mas não concretizado, ou, ainda, das medidas que se devem exclusivamente à iniciativa do seu herdeiro político e primeiro imperador de Roma» (FABIÃO, 1993, p. 235). Com a promoção a município, o território do *ubi* olisiponense deveria corresponder a uma região que já lhe estaria adstrita. Aqui, e uma vez mais, a matéria não se apresenta consensual. Contudo, de acordo com a moderna historiografia — da qual fazemos eco —, surge como lógico o prolongamento do território municipal para sul do Tejo (ALARCÃO, 1994, p. 61), onde se observava ao longo da “borda de água” a continuação de uma mesma realidade económica, assente, tal como sucedia na margem direita do rio, na indústria conserveira.

mitem, hoje, conhecer melhor a realidade vivencial, social e cultural do “mundo romano”.

Mas, em Lisboa o nosso conhecimento acerca da musivária romana é fragmentário, incompleto e, sobretudo, muito recente. Na verdade, a primeira notícia de um mosaico descoberto na capital remonta, somente, ao último quartel de oitocentos, quando se procedia à abertura de uma vala na Rua de São João da Praça, em data e local hoje indeterminados. O pavimento então encontrado — ou como nos parece mais credível, um fragmento de mosaico — à profundidade de 14m³, foi depositado, por Possidónio da Silva, no Museu da Real Associação dos Arquitectos e Arqueólogos Portugueses, onde ficou exposto, sob o n.º 40⁴. Mais tarde, acabaria por ser removido daquela sala e, hoje, infelizmente, não se conhece o seu paradeiro, nem, tão pouco, parece ter subsistido qualquer registo iconográfico ou descritivo. Foi apenas um século mais tarde — quando a adopção de uma política patrimonial sistematizada vulgarizou a intervenção arqueológica no subsolo lisboeta — que se foi amiidando o achamento de vestígios da musivária romana, quer na “Baixa Pombalina” (Rua dos Correeiros e Sede do Banco Comercial Português) que, ora, damos à estampa, quer na Sé de Lisboa, no Palácio Penafiel e na “Casa dos Bicos”, os quais pensamos publicar em próximo artigo.

Rua dos Correeiros — Sondagem 34

Em 1992, a equipa de Arqueologia do Gabinete do Teatro Romano de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa) realizou uma pequena sondagem arqueológica em plena Baixa Pombalina, concretamente na Rua dos Correeiros (*sondagem n.º34*). Na sequência dessa intervenção, foram recolhidas — sem qualquer contexto arqueológico definidor,

³ *Catalogo do Museu de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 1892, p. 4. No entanto, a profundidade de 14 m indicada — e dada a localização da Rua de São João da Praça, em plena Baixa lisboeta — parece-nos excessiva, pelo que supomos que se trate, afinal, de uma “gralha” tipográfica. Contudo, apesar dos esforços empreendidos — e, aqui, não podemos deixar de agradecer a preciosa colaboração do Dr. Francisco SANTANA, da Associação dos Arqueólogos Portugueses — não obtivemos quaisquer outras informações sobre este mosaico.

⁴ *Catalogo do Museu de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 1892, p. 4.

pois encontravam-se perfeitamente revolidas e misturadas com materiais portugueses —, várias dezenas de litros de tesselas de calcário, brancas e negras azuladas. Juntamente com essas tesselas avulsas foram localizados e exumados 10 pequenos fragmentos de um mosaico, que se passam a analisar.

Mosaico n.º 1

Tesselas: brancas, com 1,3 x 1,2 x 1 cm; e negras azuladas, com 1,5 x 1,5 x 1,3 cm.

Material empregue: calcário.

Número médio de tesselas por dm²: moldura = 56.

Suporte: argamassa de cal.

Localização actual: Gabinete do Teatro Romano de Lisboa.

Fragmentos

1

Dimensões máximas conservadas: 17 x 15,5 cm; superfície tesselada, 15 x 14,8 cm.

Suporte (espessura média): 4 cm.

Descrição: fragmento de banda branca — talvez parte de uma moldura interior ou de separação — rematada em dois lados opostos por um filete ou faixa a negro azulado (um elemento de largura), com dois quadrados denteados sobre o vértice — ou diamantes —, um deles incompleto, delineados com tesselas negras azuladas, sobre fundo branco (fig. 1a).

2

Dimensões máximas conservadas: 16,5 x 13 cm; superfície tesselada com 14,2 x 12,6 cm.

Suporte (espessura média): 3,8 cm.

Descrição: fragmento de banda branca com um diamante similar aos já descritos; fila — ou filete — de tesselas negras azuladas (fig. 1b). ^{3*****}

3

Dimensões máximas conservadas: 15 x 11 cm; superfície tesselada com 14,2 x 9,7 cm.

Suporte (espessura média): 2,4 cm.

Descrição: fragmento de banda branca (conserva-se entre um e quatro elementos de largura) com diamante incompleto, a negro azulado; filete duplo (?), a negro azulado (fig. 1c).

4

Dimensões máximas conservadas: 11,5 x 8 cm; superfície tessellada com 9,7 x 7,5 cm.

Suporte (espessura média): 4 cm.

Descrição: fragmento de banda branca (conserva-se entre três e quatro elementos de largura); fila de tesselas negras azuladas (um elemento de largura) (fig. 1d).

5

Dimensões máximas conservadas: 3,5 x 3,5 cm.

Suporte (espessura média): vestígios.

Descrição: fila de tesselas brancas (um elemento de largura); fila de tesselas negras azuladas (um elemento de largura) (fig. 2a).

6

Dimensões máximas conservadas: 4,5 x 2,5 cm; superfície tessellada com 4 x 2,5 cm.

Suporte (espessura média): 0,5 cm.

Descrição: fila de tesselas brancas (dois elementos de largura); fila de tesselas negras azuladas (um elemento de largura) (fig. 2b).

7

Dimensões máximas conservadas: 5 x 4,5 cm; superfície tessellada com 3,6 x 3,4 cm.

Suporte (espessura média): 3 cm.

Descrição: fila de tesselas brancas (um elemento de largura); tessela negra azulada (fig. 2c).

8

Dimensões máximas conservadas: 3,9 x 3,4 cm; superfície tessellada com 3,9 x 1,5 cm.

Suporte (espessura média): 0,7 cm.

Descrição: fila de tesselas negras azuladas (um elemento de largura); e fila de tesselas brancas (um elemento de largura) (fig. 2d).⁹

9

Dimensões máximas conservadas: 3,8 x 3,3 cm; superfície tessellada com 3,8 x 3,1 cm.

Suporte (espessura média): 0,7 cm.

Descrição: superfície branca (fig. 2e).

10

Dimensões máximas conservadas: 4,5 x 4 cm; superfície tessellada com 3,5 x 3,4 cm.

Suporte (espessura média): 0,6 cm.

Descrição: superfície branca (fig. 2f).

Referências

Inédito.

Estudo Analítico e Comparativo

Os fragmentos conservados, que denotam relativa qualidade técnica, poderão ter pertencido a uma moldura interior ou de separação de um eventual esquema de painéis justapostos, sobretudo se se atender ao facto de o fragmento n.º 1 se encontrar rematado, nos dois lados opostos, por *tessellae* negras azuladas. A crer nesta hipótese, surge-nos clara a influência italiana no mosaico ora em análise, uma vez que este plano teve origem naquele território, com primeiros exemplos em Teramo e em *Via Ardeatina*⁵.

Os quadrados escalonados sobre o vértice não contíguos, ou diamantes, que ornaram a moldura tiveram grande difusão — isolados ou como motivos de preenchimento — a partir do século II⁶, mantendo-se, inclusive, o seu emprego abundante e geograficamente disperso durante toda a época baixo-imperial, conhecendo-se alguns exemplares datáveis, já, do século VI, nomeadamente num mosteiro e numa sinagoga de Beth Shean, em Israel⁷, em Antioquia (Turquia)^{8 9} e em Sens (França)⁹.

Cronologia Proposta

Século II.

⁵ LANCHÁ, 1977, p. 35.

⁶ OLEIRO, 1973, pp. 28-29; COSTA, 1988, p. 113.

⁷ OVADIAH/OVADIAH, 1987, pp. 26-30 (n.º 26), pis. XXI e XXIII, p. 34 (n.º 30), pl. XXIX.2.

⁸ CAMPBELL, 1988, p. 12 (IV A 3), pl. 41.

⁹ DARMON/LAVAGNE, 1977, pp. 112-115 (n.º 482), pl. LXXXIII.

Banco Comercial Português

Em 1991, o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) iniciou escavações nos edifícios da actual sede do Banco Comercial Português (BCP), em plena Baixa Pombalina, num quarteirão delimitado pela Rua Augusta e pela Rua dos Correeiros. Foram, por conseguinte, postas a descoberto, sobre vestígios de ocupação “íbero-púnicos”, estruturas romanas de um grande complexo industrial, vocacionado para a salga de peixe, fabrico de *garum* e de outros preparados piscícolas. Esta unidade, na época romana localizada numa praia fluvial, esteve activa entre o século I e meados do V¹⁰.

Na área de apoio à fabrica funcionava um estabelecimento de banhos, do qual se identificou já a zona do *frigidarium*. E nesse mesmo espaço e durante aquela intervenção arqueológica pôs-se a descoberto um pavimento musivo policromo contíguo aos tanques do balneário, cujo revestimento a *opus signinum* dos degraus cobre parte da sua moldura. Este mosaico foi parcialmente destruído pela abertura de dois silos muçulmanos (moldura e *painel C*) e pelos alicerces de um forno de tratamento do ferro construído na fase inicial da edificação deste prédio pombalino, que terá sido desactivado na segunda metade do século XIX¹¹ (fig.3).

Na sala a oeste do *frigidarium* foi detectado pequeno fragmento de um outro pavimento musivo, aparentemente *in situ*, que foi, também ele, quase todo destruído pelos alicerces do forno moderno.

Mosaico n.º 2

Dimensões: 4,85 x 4,20 m (área descoberta).

Tesselas: brancas [faixa de ligação = 1,5 x 1,5 x 0,7 cm; linha de diamantes = 0,8 x 0,6 x 0,9 cm; restantes molduras e campo = 1 x 0,9 x 1 cm]; pretas, com 1 x 1 x 0,8 cm; encarnadas, com 1 x 1 x 0,8 cm; amarelas, com 1,1 x 1 x 0,9 cm; e cor de rosa, com 1 x 0,9 x 0,9 cm.

Material empregue: calcário.

Número médio de tesselas por dm²: faixa de ligação = 47; linha de diamantes = 115; faixa com grega interrompida = 104; restantes molduras = 107; campo [painel A = 93; painéis B e C = 108; painel D = ?].

¹⁰ AMARO, 1994, p. 78; AMARO/CAETANO, 1993-1994, p. 286.

¹¹ AMARO/CAETANO, 1993-1994, p. 289.

Suporte: argamassa de cal, sobre *opus signinum*.

Localização actual: *in situ*.

Descrição

Faixa de ligação branca. *Molduras exteriores:* filete simples, a negro; linha de diamantes não contíguos [alternadamente formados a partir de axadrezado a branco e negro e a vermelho e a amarelo], sobre faixa branca (*DGMR* 5a), que se prolonga apenas entre os *painéis A* e *C* (fig. 4a); surgindo, ao nível dos *painéis C* e *E*, uma banda preta, ornada com meandro de grega interrompida [a amarelo, branco, vermelho e rosa] (*RG* 247; *DGMR* 32d); trança de múltiplos cabos [a branco, amarelo, vermelho e rosa] sobre fundo preto (*RG* 199; *DGMR* 73f), que rodeia a totalidade da composição central (fig. 4b); filete triplo branco; trança de dois cabos [a branco, amarelo, vermelho e rosa], sobre fundo preto (*RG* 194; *DGMR* 70j), a qual também delimita os quatro painéis que revestem o campo (fig. 5).

No lado dos tanques, a moldura apresenta distinta ornamentação', larga banda branca com meandro de suásticas de volta simples, formado a partir de uma trança de dois cabos [a amarelo, branco, vermelho e rosa], sobre fundo negro (v. p. *DGMR* 187 b) (fig. 6).

Campo: o campo deste mosaico é composto por quatro painéis (A, B, C e D):

Painel A

Após um filete triplo, a branco, e um outro simples, a negro, delimitando o quadro, surge-nos sobre fundo branco — apenas sugerida, devido à sua quase total destruição — uma composição ortogonal de quadrilóbulos de peitas [a amarelo, branco, negro e vermelho], em redor de quadrados direitos com nós-de-salomão inscritos [a amarelo, branco, negro e vermelho], e fusos em aspa tangentes [a branco, negro e vermelho]; enquanto que os intervalos são preenchidos com diamantes [a amarelo, branco, negro e vermelho] (v. p. *DGMR* 228c) (fig. 7).

Painel B

O painel encontra-se delimitado por um filete triplo branco e por um outro simples, a negro. O campo, de fundo branco, está preenchido por uma composição ortogonal de linhas de meandros de suásticas com volta simples, a negro, com pequenos quadrados [a preto e vermelho], apresentando inscritos quadrados brancos sobre a ponta (v. p. *RG* 261; *DGMR* 38c) (fig. 8).

Painel C

A sua composição é similar à do *painel A*, mas, infelizmente, está muito destruído (fig. 9)

Painel D

Completamente destruído, mas a sua composição seria idêntica à do *painel B*.

Referências

BUGALHÃO/SABROSA/MONTEIRO (1994, p. 110) referem este pavimento e publicam uma fotografia geral; AMARO/CAETANO (1993-1994, pp. 283-294) apresentam um estudo sumário do mosaico do BCP, mas apontando, ao nível da Península Ibérica, exaustivos paralelos para os motivos figurados no mosaico; AMARO (1994, p. 77, fig.) apresenta uma breve descrição do mosaico, acompanhando-a por uma fotografia geral do mesmo; AMARO (1995, pp. 16-17) refere o mosaico, apresentando a planta de localização, desenho e uma fotografia de um pormenor da moldura.

Estudo Analítico e Comparativo

Este mosaico apresenta boa qualidade técnica e formal.

Apesar do diamante ter sido um dos elementos mais vulgarizados, a versão axadrezada, como no caso vertente, não foi muito utilizada e, por isso, apenas lográmos detectar este elemento decorativo em África: em *Thuburbo Majus* (século II)¹² e *Bahan* (século VI)¹³. E, na Península Ibérica: em Mérida (séculos II ou III)¹⁴, em Braga (século III)¹⁵ e na *villa* de Santo André de Almoçageme, em pleno território do Município Olisiponense, com cronologia circunscrita à segunda metade do século III¹⁶.

As molduras exteriores do mosaico ora em estudo caracterizam-se, ainda, pelo emprego de trança de múltiplos cabos que raramente surge nos pavimentos bicromáticos alto-imperiais (com três testemunhos em Pompeia, da segunda metade do século I d. C.¹⁷), mas que na sua variante policroma parece

¹² KHADER, 1987, p. 93 (n.º 304), pi. XXXIX.

¹³ OVADIAH/OVADIAH, 1987, pp. 14-15 (n.º 8), pi. VII.

¹⁴ BLANCO FRELJEIRO, 1978, pp. 40-41 (n.º 25), lám. 49.

¹⁵ ACUÑA CASTROVIEJO, 1974, pp. 17-18, fig. 2.

¹⁶ CAETANO, 1989, p. 99.

¹⁷ BLAKE, 1930, p. 108, pis. 26.3, 30.2 e 39.1.

impor-se a partir de inícios do século III, pelo menos no Norte de África (*Thuburbo Majus*)¹⁸.

A continuidade das molduras exteriores do pavimento encontra-se, em diversas áreas, interrompida pela inserção de pequenas bandas as quais, apesar da reduzida paleta cromática ali empregue, acentuam de forma inequívoca o efeito cenográfico deste mosaico. Assim, o meandro de suásticas formado a partir de trança de dois cabos, que se tratará, afinal, de uma forma constituída a partir da recriação de um esquema ortogonal e de um simples elemento decorativo, poderá ter surgido nos finais da época dos Antoninos¹⁹. Encontra-se, pois, já testemunhado na *Gallia* desde a segunda metade do século II²⁰ e, no território hoje português, desde o segundo ou terceiro quartel do século III, em *Conimbriga*²¹. A policromática banda com grega interrompida acaso revelará uma origem africana, estando representada em Utica, desde finais do século I ou inícios da centúria seguinte²², e viria a conhecer ampla divulgação nos séculos III e IV, tendo sido empregue até ao século VI, pois encontra-se representada na basílica de Lin, na Albânia²³.

A composição ortogonal de quadrilóbulos de peitas que orna os *painéis A e C* deste mosaico surge-nos, ainda que de forma tímida e muito estilizada, no campo de um mosaico de Aquileia datado do século I d. C.²⁴. A grande divulgação deste esquema, no entanto, terá ocorrido, sobretudo em África²⁵, nos séculos III e IV e, na Península Ibérica, regista-se a sua presença pelo menos desde o século III, em Balazote (Albacete)²⁶, evidenciando-se o recurso a variadíssimos elementos, quer ornando os quadrados, quer aplicados como meros motivos de preenchimento de fundo. Neste contexto, o “Mosaico con caballo y bustos”, de Libreros (Vejer)²⁷, e o “Mosaico con rectángulo y peítas”, de Jumilla²⁸, ambos do século IV, serão aqueles que apresentam uma decoração global mais próxima do exemplar em estudo.

¹⁸ ALEXANDER *et alii*, 1980, pp. 98-101 (n.º 81), pi. XXXIX.

¹⁹ OLEIRO, 1992, p. 68.

²⁰ STERN, 1967, pp. 44-45 (n.º 47), pi. XXVII; STERN/BLANCHARD-LEMÉE, 1975, pp. 73-80 (n.º 233), pi. XXXVII.A; LANCHÁ, 1981, pp. 53-56 (n.º 257), pi. X, pp. 136-139 (n.º 318), pi. LX.

²¹ OLEIRO, 1992, pp. 68-69 (n.º 1.17), est. 19.

²² DULIERE, 1974, p. 20 (n.º 170), pi. XIV.

²³ FICCADORI, 1983, pp. 187-188, fig. 3.

²⁴ BLAKE, 1930, p. III, pi. 35.3.

²⁵ HIDALGO PRIETO, 1991, p. 347.

²⁶ SANZ GAMO, 1987, p. 195, lám. VI.

²⁷ BLÁZQUEZ, 1982, pp. 53-56 (n.º 50), lám. 41.

²⁸ BLÁZQUEZ, 1982, pp. 75-76 (n.º 80), lám. 34.

Relativamente ao meandro de suásticas com quadrados nos intervalos que reveste os *painéis B* e *D*, note-se que este constitui um dos primeiros e mais divulgados esquemas decorativos da musivária antiga. De nítida origem helenística, encontra-se já representado no mosaico de seixos na “Casa de Dionísio” (Chipre)²⁹ e, na Península Ibérica, em mosaicos de *opus signinum*³⁰ descobertos em Andión (Navarra)³¹ e em Pamplona³², todos eles datados do século II a. C. Refira-se, por outro lado, que este motivo decorativo — aplicado como orla ou cobrindo o campo — foi muito utilizado em Pompeia, tanto em mosaicos do 1.º, como do 2.º e 3.º estilos³³ e encontrou ampla difusão nos séculos subsequentes³⁴. No território actualmente português, encontra-se o meandro de suásticas — ainda que sem os quadrados nos intervalos —, num mosaico do Arneiro, dos finais do século I ou inícios do II³⁵.

Assim, como vimos, os mosaístas — e, sobretudo, os encomendantes não se encontravam espartilhados em critérios restritos ou dogmáticos e, nesse sentido, possuíam total liberdade criativa jogando com o repertório da forma que lhes era mais conveniente. Deste modo se justifica que, em toda a bibliografia consultada, se tenha apenas detectado um único pavimento onde se articulem os dois esquemas decorativos que revestem o campo deste pavimento. Trata-se, pois, de um mosaico do “Tiempo a planta di tipo semítico”, em Tharros (Sardenha), datado de meados do século III³⁶. Neste contexto, recorde-se que esta região apresenta alguns aspectos comuns e semelhanças decorativas com os mosaicos da Península Ibérica, uma vez que por «el Estrecho de Bonifacio o por el sur de Cerdeña pasaban las naves hispanas que llevaban a Roma los minerales, el garum, el vino tarraconense y el aceite hispano, y las que volvían a Hispania con cargas de retorno, como sarcófagos, por lo que las relaciones entre Hispania y Cerdeña debían ser intensas. Esta ruta está confirmada por los hallazgos submarinos»³⁷.

²⁹ NICOLAOU, 1983, pp. 219-220, figs. 3 e 4.

³⁰ Este motivo decorativo foi amplamente utilizado sobre mosaicos de *opus signinum* (RAMALLO ASECIO, 1985, p. 39).

³¹ BLÁZQUEZ/MESQUIRIZ, 1985, pp. 13-15 (n.º 1), lám. 1.

³² BLÁZQUEZ/MESQUIRIZ, 1985, pp. 58-59 (n.º 40), lám. 37.

³³ BLAKE, 1930, pp. 25-27, 71, 80, 83, e 84, figs. 3, 3.1, 3.4, 4.1-2, 5.4, 17.1, 20.1, 21.1-2, 22.2; BECATTI, 1961, p. 19, fig. IV-23.

³⁴ Para a história deste esquema decorativo veja-se LANCHÁ, 1977, pp. 106-110.

³⁵ BORGES, 1986, pp. 29-30 (n.º 6), est. VII.

³⁶ ANGIOLILLO, 1981, pp. 138-139 (n.º 125), tav. XXI, fig. 33.

³⁷ BLÁZQUEZ, 1993, p. 106.

Cronologia Proposta

Propomos para este mosaico uma cronologia circunscrita à segunda metade do século III.

Mosaico n.º 3

Dimensões: ? (subsiste apenas um troço com 58 x 16 cm).

Tesselas: brancas, com 1 x 1 x 0,9 cm; amarelas, com 1,1 x 1 x 0,9 cm; encarnadas, com 1 x 1 x 0,8 cm; e pretas, com 1 x 1 x 0,8 cm.

Material empregue: calcário

Número médio de tesselas por dm²: 83.

Suporte: argamassa de cal, sobre *opus signinum*.

Localização actual: *in situ*.

Descrição

Conservam-se alguns vestígios de uma possível faixa de ligação branca. *Molduras exteriores:* filete duplo, a negro; banda onde se desenvolve uma composição geométrica, aparentemente uma grega interrompida, a amarelo, branco, e encarnado; filete duplo, a preto; banda branca (fig. 10).

Referências

Inédito.

Estudo Analítico e Comparativo

Este mosaico, apesar de apenas subsistir um pequeno troço, apresenta-se igualmente bem executado, uma vez que as tesselas permanecem alinhadas e “apertadas”, o que sugere ter sido fabricado pelos artesãos que produziram o outro mosaico ali existente. Neste sentido, será lícito concluir que ambos os mosaicos resultaram da mesma campanha de beneficiação de que foi alvo aquele estabelecimento termal.

Relativamente à composição — grega interrompida — que se desenvolve ao longo do fragmento, vejam-se os nossos comentários formulados no âmbito do mosaico anterior.

Cronologia Proposta

Segunda metade do século III.

BIBLIOGRAFIA

- ACUÑA CASTROVIEJO (F.), 1974, «Mosaicos romanos de Hispania Citerior. III — *Conventus Bracar ensis*», *Studia Archaeologica*, n.º 31, Santiago de Compostela-Valadolid.
- ALARCÃO (J.), 1983, *Portugal Romano*, 3.ª edição, Lisboa.
- ALARCÃO (J.), 1988, *Roman Portugal*, II (Gazettear), fase. 2, Warminster.
- ALARCÃO (J.), 1994, «Lisboa romana e visigótica», *Lisboa subterrânea (Catálogo)*, pp. 58-63.
- ALEXANDER (M.) *et alii*, 1980, *Thurburbo Majus — Les Mosaiques de la Region du Forum* (= *Corpus des Mosaiques de Tunisie, vol. II, fase. I*), Tunis.
- AMARO (C.), 1994, «A Industria Conserveira na Lisboa Romana», *Lisboa Subterrânea (Catálogo)*, Lisboa, pp. 76-79.
- AMARO (C.) e CAETANO (M. T.), 1993-1994, «Breve nota sobre o complexo romano da Rúa Augusta (Lisboa)», *Conimbriga*, vols. XXXII-XXXIII, pp. 283-294.
- AMARO (C.), 1995, *Núcleo Arqueológico da Rúa dos Correeiros*, Lisboa.
- ANGIOLILLO (S.), 1981, *Mosaici Antichi in Italia. Sardinia*, Roma.
- ARRUDA (M.), 1994, «A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico», *Lisboa Subterrânea (Catálogo)*, pp. 52-57.
- BECATTI (G.), 1961, *Scavi di Ostia. Mosaici e Pavimenti Marmorei*, vol. IV (2 tomos), Roma.
- BLAKE (M. E.), 1930, «The Pavements of the Roman Buildings of the Republic and Early Empire», *Memoirs of the American Academy in Rome*, vol. VIII, Bergamo, pp. 7-160.
- BLAKE (M. E.), 1936, «Roman Mosaics of the Second Century in Italy», *Memoirs of the American Academy in Rome*, vol. XIII, Bergamo, pp. 67-214.
- BLANCO FREJEIRO (A.), 1978, *Mosaicos Romanos de Merida (Corpus de Mosaicos Romanos de España)*, fase. I, Madrid.
- BLÁZQUEZ (J. M.), 1982, *Mosaicos Romanos de Sevilla, Granada, Cadiz y Murcia (Corpus de Mosaicos de España)*, fase. IV, Madrid.
- BLÁZQUEZ (J. M.), 1993, *Mosaicos Romanos de España*, Madrid.
- BLÁZQUEZ (J. M.), e MEZQUIRIZ (M. A.), 1985, *Mosaicos Romanos de Navarra (Corpus de Mosaicos de España)*, fase. VII, Madrid.
- BORGES (M. F.), 1986, *Mosaicos Luso-Romanos em Zona de Influência de Olissipo e Colipo*, 2 vols., Dissertação Final de Mestrado em História da Arte Apresentada na F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa.
- BUGALHÃO (L), SABROSA (A.) e MONTEIRO (J. L.), 1994, «BCP — Rúa Augusta/Rua dos Correeiros. Campanha de 1993/94», *Al-madam*, 11.ª série, n.º 3, Julho, p. 110.
- CAETANO (M. T.), 1989, «Primeira notícia sumária acerca dos mosaicos da *villa* romana de Santo André de Almoçageme (Sintra) — o pavimento descoberto em 1905», *Actas do Seminário Espaço Rural na Lusitania, Tomar e o seu Território (1989)*, pp.93-102.

- CAMPBELL (S.), 1988, *The Corpus of Mosaic Pavements in Turkey. The Mosaics of Antioch*, “Subsidia Mediaevalia, 15”.
- Catálogo do Museu de Arqueologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, 1892, Lisboa.
- DGMR = 1985, *Le Décor Géométrique de la Mosaïque Romaine*, Paris.
- DULIERE (C.), 1974, *Utique — Les Mosaïques in Situ en Dehors des Insulae I-II-III (Corpus des Mosaïques de Tunisie, vol. I, fase. 2)*, Tunis.
- FABIÃO (C.); 1993, «O Passado Proto-Histórico e Romano», *História de Portugal*, I vol. (“Antes de Portugal”), pp. 77-299.
- FICCADORI (G.), 1983, «Note storiche ai mosaici di Lin (Albania)», *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico (Ravenna 6-10 Setiembre 1980)*, I vol., Ravenna, pp. 185-196.
- HIDALGO PRIETO (R.), 1991, «Mosaicos con decoración geométrica y vegetal de la villa romana de El Ruedo (Almedinilla, Córdoba)», *Anales de Arqueología Cordobesa*, n.º 2, Córdoba, pp. 325-362.
- KHADER (A.), 1987, *Thuburbo Majus — Les Mosaïques dans la Région Ouest (Corpus des Mosaïques de Tunisie, vol. II, fase. 3)*, Tunis.
- LANCHA (J.), 1977, *Mosaïques Géométriques. Les Ateliers de Vienne (Isère). Leurs modèles et leur originalité dans l'Empire romain*, Roma.
- LANCHA (J.), 1981, *Recueil Général des Mosaïques de la Gaule, III — Narbonnaise (2. Vienne)*, Paris.
- LAMBRINO (S.), 1953, *Les Inscriptions de São Miguel d' Odrinhas*, separata do *Bulletin des Etudes Portugaises*, vol. XVI, Coimbra.
- MAIA (M.), 1982-1983, «Decimus Iunius Brutus e o significado do amuralhamento de *Olisippo*», *Sintria*, I-II (1), Sintra, pp. 95-106.
- MANTAS (V.), «As cidades marítimas da Lusitânia», *Les Villes de Lusitanie Romaine*, CNRS, pp. 149-205.
- MANTAS (V.), 1994, «Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana», *Lisboa Subterrânea (Catálogo)*, pp. 70-75.
- MARQUES (G.), 1982-1983, «Aspectos da Proto-História do território português. II — Povoado de Santa Eufémia (Sintra)», *Sintria*, I-II (1), Sintra, pp. 59-88.
- NICOLAOU (K.), 1983, «Three New Mosaics at Paphos, Cyprus», *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico (Ravenna 6-10 Setiembre 1980)*, I vol., Ravenna, pp. 219-215.
- OLEIRO (J. M. B.), 1973, «Mosaicos de Conimbriga encontrados durante as sondagens de 1899», *Conimbriga*, XII vol., pp. 1-92.
- OLEIRO (J. M. B.), 1992, *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Conventus Scalabitanus I. Conimbriga — Casa dos Repuxos*, 2 vols.
- O VADI AH (R.) e O VADI AH (A.), 1987, *Hellenistic, Roman and Early Byzantine Mosaic Pavements in Israel*, “Bibliotheca Archaeologica, 6”.
- PIMENTA (F. C.), 1982-1983, «Subsídios para o estudo do material anfórico conservado no Museu Regional de Sintra», *Sintria*, vol. I-II (1), Sintra, pp. 117-150.
- PINTO (R. S.), 1934, «Inventário dos mosaicos romanos de Portugal», *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*, I, Madrid, pp. 161-191.

- PONTE (S.), 1988, «*Villa rústica de S. Pedro de Caldeias — Tomar*», *Centro de Estudos de Arte e Arqueologia*, n.º 1, Tomar.
- RAMALLO ASENSIO (S. F.), 1985, *Mosaicos Romanos de Carthago Nova (Hispania Citerior)*, Murcia.
- RG = *Répertoire Graphique du Décor Géométrique dans la Mosai'que Antique*, AIEMA.
- RIBEIRO (J. C.), 1982-1983, «Estudos histórico-epigráficos em tomo da figura de L. *Iulius Maelo Caudicus*», *Sintria*, I-II (1), Sintra, pp. 151-476.
- RIBEIRO (J. C.), 1989-1990, «Romanização e romanidade da “Zona W” do Município Olisiponense», *Jornal de Sintra* [1989 = 27 de Outubro; 3, 10, 17 e 24 de Novembro; 1,8,15 e 22 de Dezembro. 1990 = 5,12,19 e 26 de Janeiro; 1,9,16 e 23 de Fevereiro; 2, 9, 16 e 23 de Março.
- RIBEIRO (J. C.), 1994, «*Felicitas Mia Olisipo*. Algumas considerações em torno do Catálogo *Lisboa Subterrânea*», *Al-madan*, II série, n.º 3, pp. 75-95.
- SANZ GAMO (R.), 1987, «Notas sobre los mosaicos romanos de Bazalote (Albacete)», *Cesar augusta*, n.º 64, Zaragoza, pp. 189-210.
- SILVA (A. V.), 1944, *Epigrafia de Olisipo (Subsidios para a Historia da Lisboa Romana)*, Lisboa.
- STERN (H.), 1967, *Recueil Général des Mosaiques de la Gaule, II- Province de Lyonnaise (1. Lyon)*, Paris.
- STERN (H.), e BLANCHARD-LEMÉE (M.), 1975, *Recueil Général des Mosaiques de la Gaule, II — Province de Lyonnaise (2. Partie Sud-Est)*, Paris.
- VASCONCELOS (J. L.), 1913, *As Religiões da Lusitania*, III vol., Lisboa.

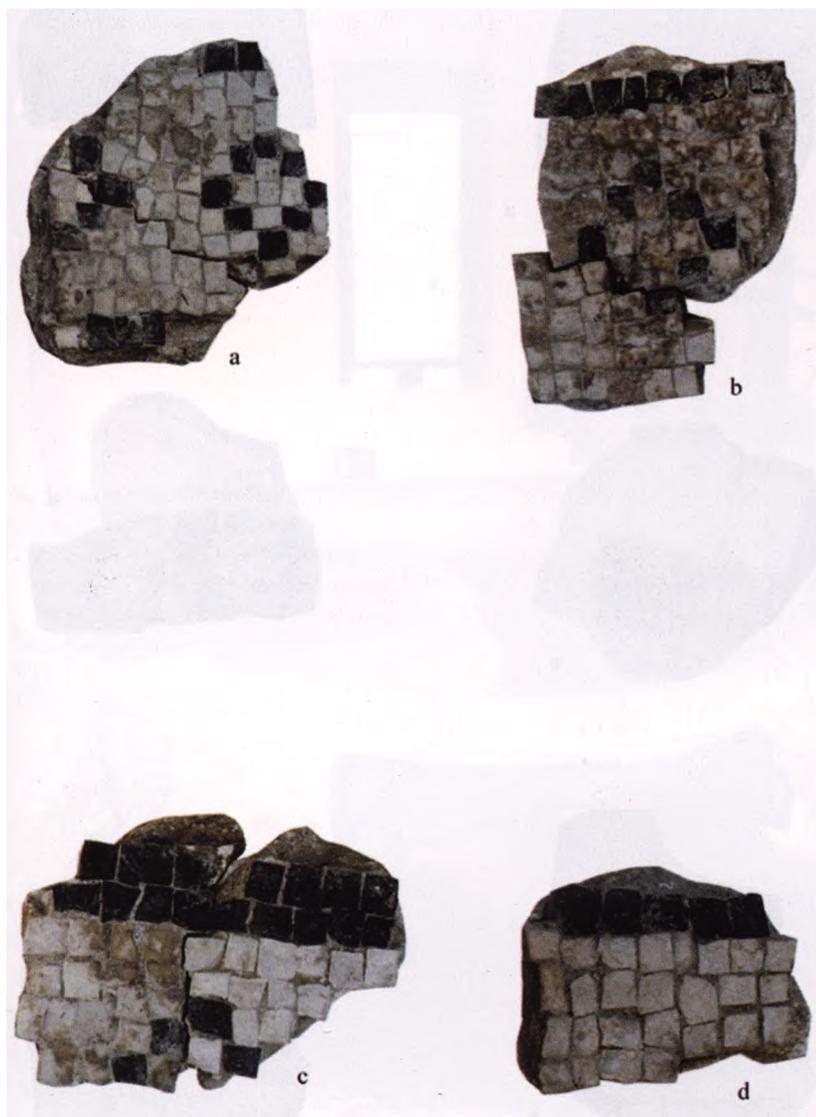


FIG. I - *Fragmentos do mosaico N.º 1.*



FIG. II - *Fragmentos do mosaico N.º 1.*



FIG. III - *Perspectiva geral do contexto arqueológico do mosaico N.º 2, vendo-se, sobre ele, os alicerces do forno pombalino.*



a



b

FIG. IV - Pormenores das molduras exteriores do mosaico N.º 2.

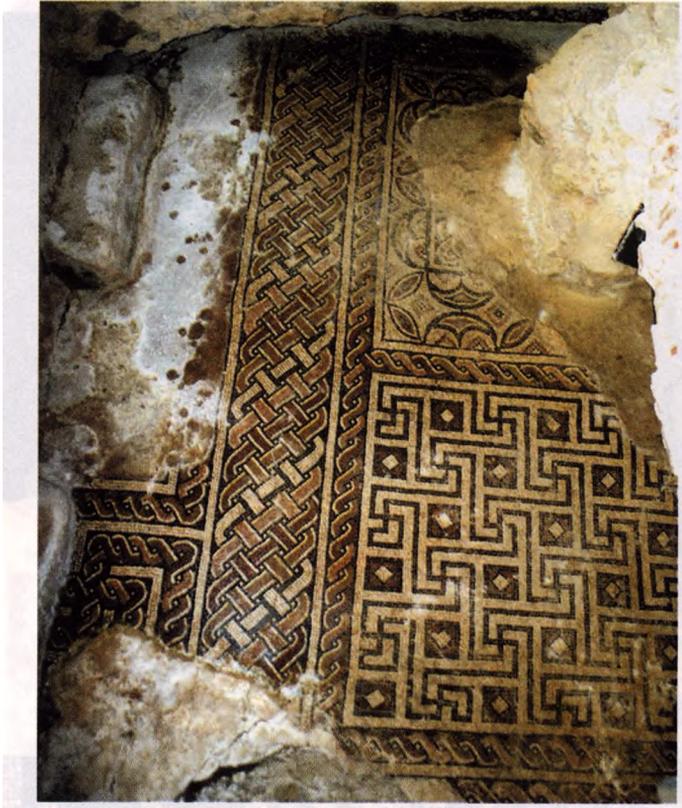


FIG. V - *Perspectiva geral do mosaico N.º 2.*

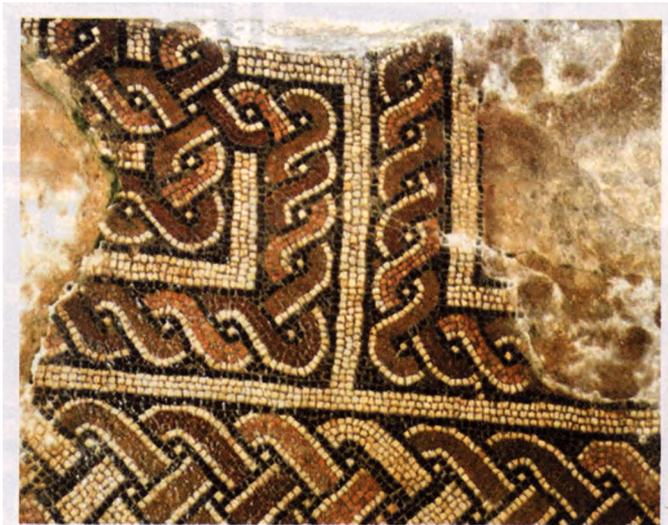


FIG. VI - *Aspecto parcial da moldura de meandro de suásticas de volta simples, formado a partir de tranças de dois cabos.*



FIG. VII – Mosaico N.º 2, Painei A.



FIG. VIII - Mosaico N.º 2, Painei B.



FIG. IX - *Mosaico N.º 2, Painel C.*



FIG. X - *Aspecto geral do pequeno fragmento subsistente do mosaico N.º 3.*